ESCRITAS DE SI NA FICÇÃO DE SYLVIA PLATH: UMA LEITURA DO CONTO *A CAIXINHA DE DESEJOS*

SELF-WRITING IN SYLVIA PLATH'S FICTION: A READING OF THE SHORT STORY *A CAIXINHA DE DESEJOS*

Moisés Silva de Azevedo Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Roberta Ranielly Barbosa da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura do conto *A Caixinha de Desejos*, de Sylvia Plath, como escrita de si ficcional, na qual a autora explora suas próprias condições emocionais em relação a seu casamento conturbado. Frequentemente associada à geração de poetas confessionais, Plath utilizava suas experiências pessoais como inspiração para seus poemas e narrativas, conferindo-lhes um caráter autobiográfico. Com base na perspectiva de Foucault (2006a; 2006b) sobre os diferentes modelos de escrita de si, isto é, práticas por meio das quais o indivíduo registra e reflete sobre sua vida, este estudo propõe uma discussão sobre o conceito foucaultiano para, em seguida, considerar *A Caixinha de Desejos* como uma ficção na qual Plath reflete sobre as frustrações e os abalos de sua vida conjugal ao longo do tempo. Dessa forma, a hipótese deste estudo é a de que *A Caixinha de Desejos* constitui um exemplo de escrita de si, em que a autora analisa e transforma seu mundo interno, convertendo suas experiências em arte e aprofundando seu autoconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Escritas de Si. Ficção. Sylvia Plath.

Este trabalho está sob a Licença Creative Commons – CC - BY 4.0

- Recebido: 09/11/2024
- Aprovado: 25/04/2026
- Publicado: 02/06/2026

COMO CITAR:
AZEVEDO FILHO, Moisés Silva de; SILVA, Roberta Ranielly Barbosa da. Escritas de si na ficção de Sylvia Plath: Uma leitura do conto "A caixinha de desejos". Enlaces, Salvador, v. 6, 2026. DOI: 10.55847/6q8grv25. Disponível em: https://publicacoes.ifba.edu.br/enlaces/article/view/1194. Acesso em: 02 junho. 2026.

ABSTRACT

This paper proposes an interpretation of Sylvia Plath's short story *A Caixinha de Desejos* as a form of fictional self-writing, in which the author explores her own emotional state in relation to her troubled marriage. Often associated with the generation of confessional poets, Plath drew on her personal experiences as inspiration for both her poetry and narratives, giving them an autobiographical nature. Based on Foucault's (2006a; 2006b) perspective on different models of self-writing, that is, practices through which individuals records and reflects on their life, this study discusses Foucault's concept and subsequently considers *A Caixinha de Desejos* as a fiction in which Plath contemplates the frustrations and strains of her marital life over time. Thus, the hypothesis of this study is that *A Caixinha de Desejos* is an example of self-writing, in which the author examines and transforms her

inner world, converting her experiences into art and deepening her self-understanding.

KEYWORD
Self-Writing. Fiction. Sylvia Plath.

1 INTRODUÇÃO

Foucault (2006a), em seus estudos sobre as *escritas de si*, investiga a maneira como os indivíduos registram suas experiências e constroem suas identidades através de práticas de escrita, tais como diários, cartas e memórias. Para Foucault, essas práticas funcionam como uma forma de subjetivação, na qual a escrita torna-se um meio pelo qual o sujeito se constitui e se compreende.

Adotando essa perspectiva ao analisar o conto *A Caixinha de Desejos*, pode-se explorar como Sylvia Plath usa a ficção para elaborar e refletir sobre suas próprias experiências emocionais e existenciais. Embora o conto seja uma narrativa fictícia, ele reflete temas que são recorrentes na obra da autora, como a insatisfação, o vazio existencial e as complexidades da vida interior, especialmente no contexto de uma mulher que lida com as pressões sociais e pessoais de suas expectativas de felicidade e realização.

Assim, podemos considerar que Plath, ao escrever *A Caixinha de Desejos*, engaja-se em uma forma de *escrita de si* ficcional, na qual suas experiências, desejos e frustrações são sublimadas na criação literária. O conto, portanto, pode ser visto como um espaço onde a autora não apenas reflete sobre seu mundo interno, mas também o reconstrói e o analisa criticamente, algo que ressoa com a forma como Foucault (2006a) entende a escrita como um processo de autoconstrução.

Nesse sentido, o presente estudo visa analisar com afinco a influência das experiências reais de Sylvia Plath na composição do conto em questão. Busca-se, também, compreender como a autora utiliza a ficção como um recurso para articular suas próprias angústias e reflexões. Desse modo, suas experiências pessoais são transformadas em matéria-prima para sua arte literária, ao mesmo tempo em que ela procura alcançar um entendimento mais profundo de si mesma, à maneira das práticas de subjetivação descritas por Foucault (2006a; 2006b).

2 AS ESCRITAS DE SI E A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE SYLVIA PLATH

O conceito de *escrita de si* faz parte de estudos do filósofo francês Foucault sobre a constituição do sujeito ao longo da história. Foucault (2006a) explora como, desde a Antiguidade, as pessoas usavam práticas de escrita para refletir sobre si mesmas, organizar suas experiências e, de certa forma, transformar-se. Para ele, a escrita é uma prática de subjetivação, ou seja, um meio pelo qual o indivíduo constrói e molda sua própria identidade.

Do mesmo modo, Foucault (2006a) identifica essas práticas em gêneros como diários, cartas, autobiografias e outras formas de escrita pessoal. Nesse caso, o foco não

está apenas em narrar a vida, mas em usar a escrita para realizar uma autorreflexão constante, um processo de análise e transformação interior, "um treino de si mesmo por si mesmo" (Foucault, 2006a, p. 146). Em textos como *A Hermenêutica do Sujeito* e *O Governo de Si e dos Outros*, o filósofo descreve essas práticas como formas de "cuidado de si" (Foucault, 2006b, p.4), uma ética centrada na relação do indivíduo consigo próprio.

Em outras palavras, as *escritas de si* não são apenas um reflexo da vida de quem escreve, mas uma ferramenta que permite questionar, organizar e, por vezes, reinventar a própria existência. Além disso, Foucault (2006a) destaca que, na Antiguidade, essas práticas estavam ligadas a uma ética de vida, um exercício constante de auto-observação para alcançar um ideal de virtude ou de sabedoria. Com o tempo, essa relação com a escrita mudou, mas a ideia de utilizar a escrita como um exercício de autoformação permaneceu.

Quando trazemos esse entendimento de *escritas de si* para os estudos literários, ele pode oferecer uma forma de analisar como a literatura pode funcionar como um espaço de subjetivação. À vista disso, pode-se considerar dois eixos principais: o autor e sua escrita, bem como a construção de personagens a partir do eu. Em relação ao primeiro, ao aplicar esse conceito à análise literária, podemos investigar como os textos funcionam como formas de autorreflexão para os próprios autores.

Por vezes, escritores transformam suas experiências pessoais em narrativa ficcional, poesia ou memórias, como, por exemplo, Robert Lowell e Anne Sexton, poetas que fizeram parte da mesma geração de Sylvia Plath entre as décadas de 1950 e 1960, denominados posteriormente pela crítica literária de confessionalistas. Sendo assim, mesmo que o texto não seja estritamente autobiográfico, ele pode representar uma tentativa do autor de refletir sobre si mesmo, suas experiências e sua relação com o mundo. Obras como as de Sylvia Plath, por exemplo, são frequentemente interpretadas nesse sentido, em que a escrita se torna um espaço para a autora lidar, muitas vezes de forma metafórica, com suas emoções, traumas e questionamentos existenciais.

Além disso, o conceito foucaultiano pode ser aplicado à análise de personagens literários. Em muitos romances e contos, os personagens se envolvem em práticas de *escritas de si* (diários, cartas, etc.), como um meio de organizar suas identidades ou fazer sentido de suas experiências. O processo de subjetivação através dessa escrita pode ser tema dentro da própria narrativa literária. A narrativa literária se torna, portanto, um espaço para explorar como a escrita molda o sujeito.

Considerando novamente a produção literária de Sylvia Plath sob esse viés, nota-se que sua ficção e poesia frequentemente lidam com questões de identidade, autoanálise e experiência pessoal. Mesmo sem escrever diretamente sobre si mesma, a autora reflete suas lutas emocionais e psicológicas através de suas personagens, que frequentemente enfrentam crises existenciais e tentam se entender por meio da linguagem. Alguns pesquisadores que estudam o estilo literário de Sylvia Plath

consideram que a autora utilizava *personas* fictícias em sua poesia como uma forma de ocultar sua própria identidade. De acordo com Silva e Albuquerque (2012), essa prática permitia que a autora trabalhasse com variadas formas identitárias através de uma teatralização do eu.

Outros aplicam o conceito de autoficção à prosa de Sylvia Plath em suas pesquisas, termo cunhado despretensiosamente pelo escritor e crítico literário francês Serge Doubrovsky na década de 1970, ao categorizar seu romance *Fils* (1977) como "uma ficção de acontecimentos e fatos estritamente reais" (Doubrovsky, 1977, capa). Em outras palavras, e de forma sucinta, subentende-se que autoficção seria uma narrativa que combina, de maneira contraditória, elementos autobiográficos e fictícios.

O comentário do escritor gerou inúmeras controvérsias nas esferas da crítica literária, o que o levou a se explicar diversas vezes, seja em novas edições de seu romance ou em ensaios independentes. Ao mesmo tempo, tal conceito passou a alcançar níveis de debate cada vez mais complexos no âmbito dos estudos acadêmicos literários.

Em suma, o conceito das *escritas de si* nos estudos literários nos permite explorar como a escrita se torna uma forma de transformação interior e reflexão sobre a própria existência, tanto para os autores quanto para seus personagens literários. Diante dessa discussão, o conto *A Caixinha de Desejos* pode ser interpretado como uma extensão das escritas de si, no sentido foucaultiano, em que Sylvia Plath projeta sua busca por sentido e controle sobre sua vida emocional por meio da ficção.

Logo, o conto torna-se um espaço para que Sylvia Plath (ou a autora implicada no texto) exercite sua subjetividade, enquanto reflete sobre os limites e os desejos que governam a experiência humana. Tal perspectiva aproxima-se do modo como Foucault compreende a prática da escrita como uma ferramenta de autoconstrução e autorreflexão. Portanto, na presente pesquisa, será feita uma análise do conto *A Caixinha de Desejos*, de Sylvia Plath, a partir da perspectiva foucaultiana de escritas de si com o intuito de buscar revelar como as experiências conjugais da autora influenciaram na construção dos sujeitos e nos eventos da narrativa.

3 *A CAIXINHA DE DESEJOS:* UMA ANÁLISE DAS ESCRITAS DE SI

O conto *A Caixinha de Desejos* foi publicado pela primeira vez em 1956 e posteriormente adicionado em *Johnny Panic e a Bíblia dos Sonhos*, coletânea de contos e textos de Sylvia Plath. Embora a autora tenha escrito o conto durante sua vida, ele só foi publicado após sua morte, como grande parte de sua prosa que ficou inacabada ou não foi divulgada durante seu tempo.

A Caixinha de Desejos narra a vida do casal Agnes e Harold cuja trama gira em torno dos sonhos de Agnes, que se tornam um escape para sua realidade insatisfatória. Agnes

possui uma "caixinha de desejos" metafórica que, todas as noites, lhe concede sonhos coloridos, vibrantes e cheios de aventuras. Esses sonhos a satisfazem e trazem um sentido à sua vida, contrastando com seu dia a dia monótono.

No entanto, conforme a história avança, os sonhos de Agnes começam a perder o brilho. Eles se tornam cada vez mais sombrios e sem vida, refletindo seu crescente descontentamento com sua vida real. Em paralelo, Harold, seu marido, começa a desenvolver sonhos felizes e alegres, algo que antes não ocorria. Essa inversão no mundo onírico dos dois personagens simboliza a crescente distância entre eles e o desequilíbrio em suas vidas emocionais e conjugais.

O conto explora temas como a insatisfação conjugal, o vazio existencial e o contraste entre a realidade e o desejo. Como mencionado anteriormente, a "caixinha de desejos" funciona como uma metáfora para os sonhos e as expectativas que as pessoas colocam na vida e nos relacionamentos, e como essas expectativas podem se frustrar. Enquanto Agnes vai perdendo a vitalidade e a esperança que seus sonhos outrora lhe davam, Harold encontra uma nova alegria, sugerindo que os desejos e as aspirações de cada indivíduo são complexos e não necessariamente sincronizados dentro de um relacionamento.

Na narrativa, Agnes e Harold passam por uma desconexão emocional. Agnes, que inicialmente encontra prazer e sentido em seus sonhos, começa a perder essa vitalidade enquanto Harold, por outro lado, começa a experimentar sonhos alegres, como destacado no trecho a seguir:

> Os sonhos de Harold eram verdadeiras e meticulosas obras de arte [...]. Mas, pouco a pouco, o hábito que Harold tinha de encarar seus sonhos como se fossem de fato parte integral de sua experiência consciente começou a tirar Agnes do sério. Ela se sentia excluída. Era como se Harold passasse um terço de sua vida entre celebridades e criaturas lendárias e fabulosas num mundo vertiginoso do qual Agnes se via perpetuamente exilada, a não ser pelo que ele lhe contava. (Plath, 2020, p. 63).

Essa inversão sugere simbolizar a sensação de Plath de que sua própria felicidade estava diminuindo à medida que seu relacionamento com o poeta inglês Ted Hughes se deteriorava. Durante seu casamento, especialmente nos últimos anos, a escritora lutou contra sentimentos de traição, isolamento e insatisfação, enquanto Hughes parecia encontrar sucesso e reconhecimento crescentes em sua carreira de poeta, o que pode ter intensificado o desequilíbrio emocional entre eles.

No conto, o narrador destaca:

> Para onde tinham ido, Agnes se perguntava com melancolia, aqueles dias férteis da infância nos quais ela acreditava em fadas? Naquela época, pelo menos, seu sono nunca fora vazio de sonhos, nem seus sonhos tediosos

> e feios. No seu sétimo ano, como ela se lembrou com melancolia, tinha sonhado com uma terra de caixinhas de desejos que ficava acima das nuvens, onde caixinhas de desejos davam nas árvores e se pareciam muito com moedores de café; as pessoas escolhiam uma caixa, girava a manivela nove vezes, sussurrando seu desejo num buraquinho na lateral da caixa e ele se realizava. (Plath, 2020, p. 64).

A "caixinha de desejos" de Agnes, que metaforicamente representa suas aspirações e desejos, começa a falhar, refletindo uma frustração interna. Isso pode ser visto como um reflexo dos sentimentos de Plath em relação às expectativas impostas às mulheres casadas da época, particularmente sobre seu papel como esposas e mães. A autora, que lutou para conciliar sua vida criativa com as responsabilidades domésticas, muitas vezes sentia-se presa e frustrada.

Ademais, sua necessidade de realização como poeta e escritora estava em tensão constante com as expectativas sociais e familiares, como ressaltou uma das pesquisadoras da autora, Gill "[...] é evidente, a partir da ficção, da poesia, de diários e de correspondências de Plath [...] que esse novo ideal doméstico era simultaneamente um objetivo atraente, inescapável e terrível"[1] (Gill, 2006, p. 42, tradução nossa).

O distanciamento emocional entre Agnes e Harold no conto pode ser lido como uma projeção das dificuldades que Plath e Hughes enfrentaram em seu casamento. Em sua correspondência e diários, ela expressava sentimentos de isolamento e falta de compreensão, especialmente após descobrir os casos extraconjugais de Hughes. Essa desconexão emocional e falta de sintonia com o parceiro é um dos elementos centrais do conto, em que a felicidade e a insatisfação onírica dos dois personagens tomam direções opostas, como representada no excerto destacado:

> Embora ela nunca tivesse comentado com Harold, seus próprios sonhos, quando ela os tinha (o que já era uma raridade, infelizmente), a horrorizaram: eram paisagens sombrias e ameaçadoras povoadas de figuras macabras, irreconhecíveis. Ela nunca conseguia se lembrar desses pesadelos em detalhes, e perdia-os enquanto se esforçava para acordar, só conseguindo guardar a nítida sensação da atmosfera sufocante e tempestuosa que sempre a assombrava, opressora, pelo dia seguinte inteiro. Agnes tinha vergonha de contar sobre essas cenas fragmentadas de terror a Harold, por medo de que refletissem de forma pouco lisonjeira a potência de sua imaginação. (Plath, 2020, p. 63).

Observa-se que muitas vezes Plath usava a ficção e a poesia para lidar com as tensões emocionais que experimentava na vida real. No conto *A Caixinha de Desejos*, os

[1]No original: It is evident from Plath's fiction, poetry, journals and letters, and from the work of contemporaries such as Sexton, Rich or Erica Jong, that this new domestic ideal was simultaneously an enticing, inescapable and terrible goal. (Gill, 2006, p. 42).

sonhos de Agnes são um escape da realidade insatisfatória, mas até mesmo esse refúgio começa a desaparecer: "[...] em que idade aqueles mundos de sonhos coloridos e benevolentes a tinham abandonado? E por quê?" (Plath, 2020, p. 64).

Desse modo, tal fato pode denotar a forma como a autora, ao tentar encontrar alívio através de sua escrita e sua vida interior, gradualmente enfrentou a desilusão e o esgotamento emocional no casamento. A perda de controle sobre os sonhos de Agnes pode espelhar a sensação de Plath de estar perdendo o controle sobre sua própria vida conjugal e emocional àquela época.

Na narrativa, Agnes e Harold representam dois indivíduos cujas vidas oníricas simbolizam seus estados emocionais divergentes. À medida que os sonhos de Agnes perdem cor e vitalidade, Harold começa a sonhar mais intensamente. Isso pode ser lido como uma metáfora para o distanciamento emocional que Plath vivenciava em seu casamento. Isto é, uma diferença crescente entre o que ela desejava e o que realmente experimentava na vida conjugal.

No final do conto, Harold tenta ajudar Agnes a recuperar seu poder de imaginação pedindo para que ela feche os olhos e imagine um cálice. Após se esforçar, Agnes consegue imaginá-lo, mas de uma perspectiva muito distante: "Eu vejo tudo muito longe. É assim que você vê os seus sonhos? — Não, ora — Harold disse, confuso. — Eu vejo os meus sonhos na frente das pálpebras, como se estivessem numa tela de cinema. Eles só vêm [...]" (Plath, 2020, p. 67). Após esse episódio, Agnes começa a praticar leitura e ir ao cinema para estimular sua imaginação.

No entanto, a personagem sempre perde o foco mesmo tentando repetidas vezes, enquanto a imaginação de Harold permanecia aflorando cada vez mais. O conto se encerra com Harold voltando para casa depois de uma viagem a trabalho e encontrando Agnes deitada, de olhos fechados, no sofá da sala vestindo um vestido social com uma expressão feliz no rosto, sonhando que estava dançando valsa com um príncipe. O frasco de remédios vazio e um copo de água virado no tapete sugerem que ela havia cometido suicídio numa tentativa de voltar a sonhar e a imaginar.

Antes de seu suicídio em 1963, a relação entre Plath e Hughes estava muito conturbada, principalmente após a traição de seu marido. McCrum (2010), colunista do periódico britânico *The Guardian*, comenta sobre os últimos dias de Plath e as constantes acusações a Hughes como o motivo do suicídio da autora. Segundo ele, a separação foi profundamente dolorosa, e a relação entre eles deteriorou-se de maneira irreversível.

Como comenta o colunista, em 1963, a instabilidade emocional que havia acompanhado toda a vida de Sylvia Plath tornava-se cada vez mais intensa e sufocante. Nesse contexto, a crítica feminista passou a discutir amplamente se a autora já se encontrava marcada por uma obsessão em relação à morte do pai, tornando o suicídio quase inevitável, ou se as atitudes de Ted Hughes, especialmente a decisão de abandoná-

la por outra mulher após seis anos de casamento, contribuíram decisivamente para levá-la ao limite.

Conforme as realidades fictícia e factual abordadas de forma comparativa, pode-se inferir que tanto Sylvia Plath, por meio de sua ficção, como Agnes, com sua "caixinha de desejos" e seus últimos sonhos, refletem sobre como suas condições emocionais se abalaram devido a uma relação conjugal abalada ou desconexa. De acordo com Foucault (2006a), a *escrita de si* implica transformar as próprias experiências em uma forma de saber sobre si, uma forma de autocuidado.

No caso de Plath, escrever *A Caixinha de Desejos* pode ter sido uma tentativa de refletir sobre seus próprios desejos frustrados e o desconforto em sua relação. Em vez de escrever diretamente sobre sua vida, Plath constrói uma narrativa na qual explora a perda de conexão emocional entre dois cônjuges. Essa elaboração ficcional pode ser vista como um mecanismo de reflexão e transformação. Ou seja, uma prática de *escrita de si* que a permite, por meio da arte, se distanciar e analisar sua própria realidade conjugal.

Foucault (2006b) também sugere que a *escrita de si* pode ser um ato de resistência ao poder. No caso de Plath, a criação de histórias como *A Caixinha de Desejos* pode ser vista como uma forma de resistência ao poder invisível das expectativas sociais e de gênero que permearam sua vida. Ao retratar uma mulher cuja vida de sonhos, antes vibrante, se desintegra, Plath expõe o impacto emocional dessas pressões, seja dentro do casamento, seja na sociedade em geral. Ao dar voz à insatisfação e ao vazio, ela desafia os ideais de felicidade e realização associados à vida doméstica.

Essa resistência se torna ainda mais evidente quando percebemos que Plath estava lidando com o próprio controle emocional que Hughes exercia, seja por meio de seu comportamento, seja pelas expectativas culturais que pesavam sobre Plath como esposa, mãe e escritora. Através da ficção, a autora subverte essas dinâmicas de poder, abrindo um espaço de questionamento e crítica ao papel da mulher dentro do casamento, algo que ela mesma estava vivendo.

Finalmente, ao explorar os sentimentos de Agnes, Plath projeta suas próprias angústias e reflexões, usando o conto como uma forma de reconfigurar sua identidade e sua experiência conjugal. Segundo Foucault, a *escrita de si* é um processo ativo de subjetivação — de formação do eu — e não apenas um espelho do que a pessoa sente. Dessa forma, ao criar Agnes e Harold e suas vidas oníricas e reais, Plath pode estar não apenas refletindo sobre suas experiências, mas reescrevendo-as, buscando uma compreensão mais profunda e, possivelmente, uma transformação de si mesma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foucault (2006a) entende a *escrita de si* como uma prática em que o sujeito escreve para se observar, refletir e, assim, constituir sua própria subjetividade. A escrita, para o filósofo, não seria simplesmente um registro passivo de experiências, mas um meio ativo de compreender e modificar o eu. Ao usar a escrita para explorar suas emoções, angústias e questões pessoais, o autor transforma esses sentimentos em um objeto de reflexão e análise, permitindo-se reavaliar sua própria posição no mundo e suas relações.

Aplicando esse pensamento ao conto *A Caixinha de Desejos*, pode-se entendê-lo como um exemplo de como Sylvia Plath se engaja em uma prática de *escrita de si* de maneira ficcional. Ao criar Agnes, Plath não só expressa suas frustrações conjugais, mas também reflete criticamente sobre elas, usando a ficção para examinar sua própria subjetividade e investigar as tensões internas de seu casamento. O conto se torna um espaço de reflexão, no qual a autora elabora questões de controle, poder e identidade dentro de uma relação conjugal — temas que ressoam com suas próprias experiências com Ted Hughes.

Ao analisarmos a narrativa através do conceito de *escritas de si* de Foucault, nota-se que Plath, por meio da escrita ficcional, reflete sobre as pressões emocionais e sociais que enfrentava, usando a narrativa como um espaço para reelaborar sua própria subjetividade e resistir às limitações que seu casamento e seu papel como mulher impunham sobre ela. Assim, o conto *A Caixinha de Desejos* se configura como um exemplo de como a literatura pode ser uma poderosa forma de *escrita de si*, oferecendo ao autor não somente uma voz, mas um meio de transformação interior e resistência ao poder.

REFERENCIAS

DOUBROVSKY, Serge. **Fils:** roman. Éditions Galilée, 1977.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política.** Manoel Barros da Motta (Org.). Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 144-162.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito.** Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

GILL, Jo. **The Cambridge Introduction to Sylvia Plath.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MCCRUM, Robert. **Ted Hughes Final Lines to Sylvia Plath.** The Guardian, 10 de outubro de 2010. Disponível em: https://www.theguardian.com/books/2010/oct/10/ted-hughes-last-letter-sylvia-plath. Acesso em: 2 nov. 2024.

PLATH, Sylvia. A Caixinha de Desejos. *In*: PLATH, Sylvia. **Johnny Panic e a Bíblia dos Sonhos e Outros Textos em Prosa.** Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Biblioteca Azul, 2020. p. 61-71.

SILVA, Tiago Barbosa. ALBUQUERQUE, Thays. **As Máscaras de Sylvia Plath e a Teatralização do Eu:** uma interpretação psicocrítica. XIII Encontro da ABRALIC. Campina Grande, 10 a 12 de agosto, 2012.